

“*Lease your body*”: a encantação do corpo e o fetichismo da mercadoria¹

Raul Albino Pacheco Filho

Em 2005, Karolyne Smtih, de Utah, pioneira de um novo uso do corpo na contemporaneidade, fez uma tatuagem definitiva na testa, divulgando a marca de um *site* de apostas, por 10 mil dólares. A oferta cria a demanda, mas não necessariamente na mesma proporção. Daí que a empresa norte-americana “Lease Your Body” (“Alugue Seu Corpo”) pague na atualidade preços bem mais modestos. A modelo Sarah Dee, por exemplo, tatuou o nome da empresa na testa por módicos 200 dólares. E uma lanchonete de Ohio oferece aos consumidores, que aceitem tatuar no braço a imagem do sanduíche que é símbolo do estabelecimento, apenas um desconto de 25% das despesas.² São as mazelas da lei da oferta e da procura que rege a economia capitalista. E ainda que alguns “proprietários de corpos” possam lamentar as reduções de preços provocadas pelas leis do mercado, tem-se que constatar que a queixa não é consensual. No texto “Em defesa de um mercado livre para órgãos do corpo”, Walter Block, da Loyola University, pondera que, se o comércio de órgãos [para transplante] fosse legalizado, “novas empresas especializadas surgiriam, ou talvez empresas de seguro e hospitais se encarregassem do serviço (...), [aumentando] vastamente a oferta de órgãos e doadores (...) e reduzindo os lucros a níveis que poderiam ser obtidos em outras atividades”.³ De modo semelhante, Walter Williams, da George Mason University, prevê que, com o livre mercado de órgãos para transplante, “a escassez dos órgãos poderia ser resolvida com preços que vão de 1.000 a 3.000 dólares por doador”.⁴ Convenhamos: algo bem mais em conta do que o preço de um rim no atual mercado negro ilegal de órgãos, que sobe a 80 ou até 150 mil reais no Brasil, ou à mesma quantia em euros na Espanha, segundo denúncias de jornais feitas em 2009.⁵ Trata-se de novas práticas e usos do corpo na contemporaneidade!

Neste artigo, pretendo explorar algumas proposições a respeito do assunto, que divergem da concepção pós-moderna de que a contemporaneidade seria o momento histórico de uma economia do corpo instaurada sobre as ruínas de sua economia simbólica. Advogo, diferentemente disso, a concepção de que a economia do

¹ Uma primeira versão do conteúdo deste artigo foi apresentada no II Colóquio Internacional “Práticas e Usos do Corpo na Modernidade”, realizado de 27 a 30 de outubro de 2010, no Instituto de Psicologia da USP, sob organização do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial e do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP-USP). A versão original será publicada em livro com seu título original (“Mais-de-gozar e mais-valia: articulações entre a alienação do sujeito na estrutura e na história”). Agradeço ao Prof. Dr. Nelson da Silva Junior, coordenador da Comissão Organizadora do colóquio, a licença para publicação prévia em *Stylus*, com título diferente e ligeiras modificações em relação à versão original.

² Mota, Outdoor ambulante, *Carta Capital* (8 set. 2010, p. 10-11).

³ Block, *Em defesa de um livre mercado para órgãos do corpo*, texto disponível na internet [Acesso em 18 out. 2010].

⁴ Williams, *Meus órgãos estão à venda*, texto disponível na internet [Acesso em 18 out. 2010].

⁵ Konichi e Rinco, *Na Espanha, venda de órgãos pela internet pode aumentar com a crise*, texto disponível na internet [Acesso em 18 out. 2010].

corpo da contemporaneidade é consequência da articulação entre a infraestrutura econômica e a economia simbólica do capitalismo, levada ao limite paroxístico de sua aceleração. Dada a extensão e complexidade da questão, apresento apenas as linhas gerais do esqueleto do argumento, reservando para ocasiões posteriores a junção da carne do detalhamento ao corpo da argumentação.

Pretendo explorar as conexões entre: de um lado, a alienação estrutural e trans-histórica do sujeito e seu “encantamento” com os objetos; e, de outro, a alienação contingente e histórica do sujeito do capitalismo e o fetichismo da mercadoria. Com isso, pretendo traçar uma sequência que vai do gozo perdido do corpo ao gozo do corpo real, apontando como eles fornecem a base para o surgimento do gozo produtor de mercadorias. Em seguida, assinalo como este último, por sua vez, antecede e possibilita o gozo do corpo-mercadoria.

É desnecessário que eu me alongue em considerações sobre como, para a Psicanálise, o corpo-organismo-natureza é subvertido pelo “pissoteio de elefante do capricho do Outro”, na medida em que “o desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade”.⁶

Mas cabe lembrar que, à perda da especificidade/particularidade do objeto do instinto operada pela intervenção do incondicional do objeto da demanda (pelo fato de que é sempre de demanda de amor, que se trata), segue-se o estatuto de “*condição absoluta*” a que o *desejo* eleva o seu *objeto*. Como diz Lacan no *Seminário 11*, no jogo do *fort-da* do netinho de Freud, o carretel não é a mãe: “é alguma coisinha do sujeito que se destaca, embora ainda sendo bem dele, que ele ainda segura (...) É com seu *objeto* que a criança salta as fronteiras de seu domínio transformado em poço e que começa a *encantação*”.⁷ Da hiância/fenda/fosso em que o sujeito se cria autoutilizado pelo buraco originado a partir do que dele se destacou (o objeto causa do desejo), surge o traçado centrífugo da pulsão, que o impele, ao longo da vida, na direção dos objetos do mundo. Nunca totalmente absorvido, mas nunca totalmente à parte deles: *ex-sistente!* Aqui reside, como já foi explorado à exaustão, seu melhor e seu pior: seu envolvimento com o mundo (que este não lhe seja indiferente), mas também sua alienação estrutural. E alienação em duplo sentido: em primeiro, porque “o desejo do homem é o desejo do Outro (...), ou seja, é *como* Outro que ele deseja (o que dá a verdadeira dimensão da paixão humana)”;⁸ em segundo, porque o desejo tem como *causa* um *objeto*.

Aliás, se com este objeto “começa a encantação”, é pertinente a pergunta sobre o “segredo” que o faz “encantador”. “Cuidado! ainda não dissemos o que é o *Trieb*”,⁹ poderíamos repetir com o Lacan do *Seminário 11*. Continuando com as aspás: “O real, é para além do sonho que temos que procurá-lo, no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da *falha de representação*; da qual

⁶ Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1950/1998, p. 828).

⁷ Lacan, *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964/1988, p. 63).

⁸ Lacan, *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1950/1998, p. 829).

⁹ Lacan, *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964/1988, p. 61).

lá só existe um lugar-tenente. Esse ‘encantamento’ é o mesmo sobre o qual Kierkegaard se foca ‘em seu modo donjuanesco de abolir as miragens do amor’;¹⁰ e que, para ele, assim como para o Freud do *‘Além do princípio do prazer’*,¹¹ ‘já estava centrado na *repetição*’.¹²

“Não mais que em Kierkegaard, não se trata, em Freud, de nenhuma repetição que se assente no natural; de nenhum retorno da necessidade. (...) A *repetição* demanda o novo. Ela se volta para o lúdico, que faz desse novo, sua dimensão.”¹³ O deslizamento metonímico do desejo, exigindo o novo, a novidade, em seus deslocamentos por entre diferentes objetos, *vela o verdadeiro segredo* do lúdico, do jogo, da metáfora que constituiu o sujeito e criou a marca que o representa no simbólico e dele desprende o objeto que o designa no real: a passagem de uma ordem a outra (da necessidade à demanda e ao desejo); a diversidade mais radical (diversidade de registro entre o simbólico do sujeito e o real do objeto), que constitui a *repetição em si mesma*. Repetição que se renova incessantemente, pelo próprio fato de que os objetos pulsionais nunca dão conta do fosso/fenda/hiância criado pela entrada no simbólico e na linguagem. *Repetição* que constitui o fundamento do sujeito e de seu “encantamento” pelos objetos, na medida em que “tudo que, na repetição, varia, modula, é apenas *alienação* de seu sentido”.¹⁴ Como diz Freud no *“Além”*, “essa ‘perpétua recorrência da mesma coisa’”.¹⁵ Mas que, vou propor, fornece a base estrutural e trans-histórica sobre a qual podem se assentar as diferentes ordenações sociais do gozo, dispostas pela multiplicidade histórica de configurações dos discursos, como formas do laço social.

Já em Althusser encontramos a proposição de que a ideologia é trans-histórica, na medida em que: “Tese I: A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”;¹⁶ e “Tese II: A ideologia tem uma existência material”,¹⁷ pois existe sempre em um “aparelho ideológico de Estado” e em suas práticas. No caso da Tese I, não vejo maiores problemas em harmonizá-la com o fato de que, sem contradizer o que há de singular na construção da fantasia e da realidade de cada sujeito, a ordenação dos gozos pela via dos discursos possibilita um mínimo compartilhamento da realidade no laço social. Realidade que, como a fantasia, sempre contém algo de “perverso” (“perverso” entre aspas e não no sentido de estrutura perversa), na medida em que, juntos, os sujeitos sempre manterão uma inclinação para construir realidades compartilhadas que visem à eliminação completa e absoluta da “falta”. Em *“O futuro de uma ilusão”*¹⁸ Freud analisou os meandros das “totalizações” religiosas. Já no caso da Tese II, diferentemente de Althusser (ainda que sem negar a pertinência de sua proposta), prefiro centrar o tema da *materialidade* da ideologia na conceituação lacaniana do *gozo*. O desejo renasce incessantemente e a pul-

¹⁰ *Ibid.*, p. 62.

¹¹ Freud, *Além do princípio do prazer* (1920/1987).

¹² Lacan, *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964, p. 62). [Grifos meus]

¹³ *Id.*

¹⁴ *Id.*

¹⁵ Freud, *Além do princípio do prazer* (1920/1987, p. 35-36).

¹⁶ Althusser, *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado* (1970, p. 126).

¹⁷ *Ibid.*, p. 128.

¹⁸ Freud, *O futuro de uma ilusão* (1927/1987).

são, sempre parcial, retorna inexoravelmente à origem, dando voltas no objeto sem conseguir recapturá-lo. E aí está, na produção do “mais-de-gozar”, o porquê de o inconsciente ser um “trabalhador incansável”, capaz de trabalhar à exaustão para recapturar apenas fragmentos de gozo.

Mas, acrescenta-se agora a esse *modus operandi* estrutural e à tese da trans-historicidade da ideologia, o fato de que o capitalismo põe em cena na História uma novidade contingente, ao possibilitar conectar a busca desse mais-de-gozar, pelos sujeitos, à produção de objetos-mercadorias: objetos-mercadorias com um valor socialmente unificado, por meio do “valor-de-troca”, conforme analisado por Marx em “O Capital”.¹⁹ Trabalho, mais-valia e valor-de-troca surgem na cena histórica viabilizando um modo particular de se conseguir um poderoso e inédito instrumento de articulação, fixação e padronização da “desejabilidade” de cada objeto, para os sujeitos de uma sociedade/cultura. Retomo aqui duas afirmações minhas apresentadas em um artigo publicado no nº 1 de “A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia”, onde expus esta proposta: “talvez pudéssemos nos referir a isto como a fixação/padronização/homogeneização do ‘valor-desejo’ de um objeto, para os sujeitos de uma sociedade/cultura. Este me parece um ponto fundamental para se analisar as consequências de uma cultura — a cultura capitalista, que conseguiu um modo de fixar/estabilizar/ancorar um mesmo ‘quantum’ de ‘valor-desejo’ de todos os membros de um corpo social para cada um dos objetos do mundo”.²⁰

É assim que eu entendo a afirmação da trans-historicidade da estrutura: não como a subestimação da relevância da contingência histórico-social, mas, em vez disso, como a explicitação daquilo que lhe fornece, *no sujeito*, a sua base de apoio. Com isso, compreende-se que o objeto *mais-de-gozar* (um “bônus” e não uma transgressão à lei da interdição do gozo) possa ter sido destinado historicamente, no capitalismo, à exploração do trabalho e à formação de “*mais-valia*” (a mola propulsora dessa forma de laço social). Do mesmo modo, compreende-se que a “*encantação*” do objeto do desejo possa ter oferecido o fundamento sobre o qual veio a se apoiar, historicamente, o “*fetichismo da mercadoria*”, no sentido marxiano do misterioso “*qui-proquó*” pelo qual “a relação social determinada dos próprios homens assume aqui a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”.²¹

Para que isto acontecesse, foi necessário, como aponta Lacan no *Seminário 17*, que o proletário surgisse historicamente como um “despossuído, que justifica tanto o empreendimento quanto o sucesso da revolução [burguesa].”²² Despossuído não apenas da propriedade, mas também do seu “saber fazer”, expropriado por uma ciência progressivamente convergente na direção da produção de tecnologia, a serviço do capitalismo. E que não deixa lugar para o

¹⁹ Marx, *Das Kapital* (1867).

²⁰ Pacheco Filho, *A praga do capitalismo e a peste da psicanálise* (2009).

²¹ Marx, *A mercadoria* (1867/2006).

²² Lacan, *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise* (1969-1970, p. 30).

sujeito, reduzindo-o a um produto: os “trabalhadores-mercadorias”, “que substituem o antigo escravo (...), que são eles próprios produtos, como se diz; consumíveis tanto quanto os outros. *Sociedade de consumo*, dizem por aí. *Material humano*, como se enunciou um tempo”,²³ postos à venda no *mercado* de trabalho.

Cito Marx: “[No capitalismo] o trabalhador *decai* a uma *mercadoria* e a mais miserável mercadoria (...). Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. (...) Quanto mais o trabalhador se gasta (se consume) trabalhando, tão mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio, que ele cria frente a si; e tão mais pobre se torna ele mesmo. (...) O trabalhador coloca a vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto.”²⁴ E assim como a apropriação da mais-valia é componente fundamental da estrutura econômica do capitalismo, são elementos constituintes da forma do laço social a ela articulado: a “encantação” do objeto, o “fetichismo da mercadoria” e a “desposseção” do trabalhador. Daí porque o capitalismo e a revolução burguesa, como formas material e simbólica de estruturação das relações econômicas e das relações sociais, tenham frustrado as expectativas com que acenaram ao mundo, em seu surgimento na cena histórica: de superação da fome e miséria material; e também de uma convivência social e política livre, justa e harmônica. “[A forma capitalista do processo social de produção] desenvolve a força produtiva do trabalho coletivo para o capitalista e não para o trabalhador e, além disso, deforma o trabalhador individual. Produz novas condições de domínio do capital sobre o trabalho. Revela-se, de um lado, progresso histórico e fator necessário do desenvolvimento econômico da sociedade [Marx não é um reacionário nostálgico do passado]; e, de outro, meio civilizado e refinado de exploração.”²⁵

E o “tudo-saber” de sua ciência (não um “saber de tudo”, na terminologia empregada por Lacan), foi tendendo, rápida e quase que exclusivamente, a um saber sobre técnicas de produzir alterações em “objetos”, como resultado das alterações nas estruturas discursivas. Compreende-se, portanto, o lamento de Lacan: “Pois este é precisamente o S_2 do senhor, mostrando o cerne do que está em jogo na nova tirania do saber. Isto é o que torna impossível que nesse lugar apareça, no curso do movimento histórico — como tínhamos, talvez, esperanças —, o que cabe à verdade”.²⁶ O que não implica (nem recomenda) que nos limitemos a uma mera descrição pessimista e a um lamento passivo em relação às condições do presente histórico.²⁷ Mas recomenda prudência na definição das políticas, estratégias e táticas de transformação do *status quo*, já que, por ser uma forma de alienação histórica que não operou pelo distanciamento do sujeito em relação aos “objetos do mundo” (o âmbito do mundano e do secular), o capitalismo amplificou formidavelmente,

23 *Id.*

24 Marx, *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, apud Silveira (1989, p. 49).

25 Marx, *O Capital*, apud Ianni (1992/1979, p. 5-42).

26 Lacan, *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise* (1969-1970, p. 30).

27 Como me parece o caso da afirmação de Jean Baudrillard, em entrevista de 1999 no *Caderno 2 de O Estado de São Paulo*: “Eu não tento mudar o sistema de valores. O que eu pretendo é ficar fora do jogo e inventar uma outra regra para ele. Isso não é revolução, pois infelizmente não existe mais uma vontade política. Eu me coloco num universo paralelo, onde não há contradição violenta contra o sistema dominante, onde, mesmo que a minha posição o coloque em questão, não há nenhuma chance de revolucioná-lo na sua lógica. Estou na singularidade.” Texto disponível na internet [Acesso em 18 out. 2010].

não apenas as formas simbólicas de dominação ideológica (o *marketing*, a publicidade, as mídias etc.), mas também as formas concretas e materiais de dominação (as armas e as instituições estatais e privadas de repressão e controle).

Seguimos até aqui a sequência histórica que permitiu articular o gozo do corpo real (mais-de-gozar) à produção de mercadorias e à geração de mais-valia: um processo econômico mais refinado de acumulação de valores do que, por exemplo, aquele historicamente caracterizado pela exploração da mão de obra do escravo. Podemos, agora, acompanhar o passo seguinte da exploração capitalista do corpo, no qual as possibilidades de sua troca mercantil se expandem para além do comércio de sua capacidade de trabalho, como mercadoria. Refiro-me à comercialização *do próprio corpo* — sua imagem, mas também a substancialidade concreta da sua materialidade orgânica e carnal e a das suas partes e órgãos — como mercadoria.

Não se trata de um retorno anacrônico ao tempo histórico da escravidão, em que a divisão do trabalho apoiava-se na posse integral do corpo do escravo, pelo senhor. Em nosso tempo, como mostrei nos exemplos de aluguel do corpo para publicidade, no início de minha apresentação, a posse do próprio corpo permanece vinculada ao sujeito que lhe é coextensivo; o qual pode alugá-lo, ou mesmo vender suas partes, mas sempre no âmbito de uma regulação mercantil socialmente instituída e legitimada (excluindo-se da análise as transações ilegais e as redes do chamado “mercado negro”, bem entendido). O já mencionado Walter Williams, que defende o mercado livre de órgãos para transplante, contra a lei de 1984, do Congresso Americano (a qual proibiu a sua comercialização), antecipa-se ao argumento baseado na preocupação de que, se houver um mercado de órgãos, a população pobre venderá seus órgãos e adoecerá. Ele advoga: “(...) de um ponto de vista estritamente ético, as pessoas devem poder dispor de seus órgãos por qualquer motivo que lhes parecer razoável. Por quê? Bem, se acreditamos que as pessoas possuem o direito de propriedade de si mesmas, ou seja, são donas da própria vida e do próprio corpo, elas devem ter o direito de dispor de seu próprio corpo da maneira que desejarem, desde que não violem os direitos de propriedade dos outros. Se eu precisasse de um rim, eu preferiria que alguém que não estivesse disposto a me dar, pudesse me vender, do que continuar sem o rim.”²⁸

Para exemplificar as novas formas próprias do nosso tempo, de emprego do corpo para a geração de mais-valia, lembro a vocês as agências de modelos encarregadas da comercialização de imagens de corpos e rostos para publicidade, com toda a rede de empresas e de serviços a elas vinculada, como as empresas de recrutamento, de fotografia, de elaboração de *books*, de gerenciamento pessoal e *management* de carreiras e assim por diante. Lembro também, apenas

28 Williams, *Meus órgãos estão à venda*, texto disponível na internet [Acesso em 18 out. 2010].

para oferecer mais um exemplo, toda a imensa rede de empresas e serviços encarregada do cuidado dos corpos, além da destinada a polir e reluzir as imagens na atualidade: academias de musculação e de bronzamento, clínicas de cirurgias plásticas e de próteses, profissionais encarregados do gerenciamento e do *marketing* pessoal e profissional etc. Isso sem falar nas empresas encarregadas de cuidar dos corpos mortos. A Alcor Life Extension Foundation, por exemplo, é a maior empresa de congelamento de corpos dos EUA, que trabalha com base na criogenia (o estudo científico dos sistemas em baixas temperaturas). Ela atende aos clientes interessados em manter o corpo congelado após a morte, na esperança de um dia voltar a viver. E cobra US\$ 120 mil para congelar um corpo e mantê-lo assim por, pelo menos duzentos anos. Oferece também a opção de congelar apenas a cabeça e, nesse caso, o serviço é mais em conta: US\$ 50 mil. Se o cliente é estrangeiro, há o custo adicional de transporte do corpo até a clínica, localizada no Estado do Arizona, por US\$ 20 mil (a cotação dos preços é de 2002 e já está um tanto desatualizada).²⁹

Aí estão as novas práticas e usos do corpo na modernidade. Repito o que disse, no início, de que não creio tratar-se de “[...] uma economia do corpo que se instaura sobre as ruínas de sua economia simbólica”. Em vez disso, vejo uma economia do corpo: 1) assentada sobre uma infraestrutura que lhe oferece a sua base econômica; e 2) sustentada pelo aparato imaginário e simbólico e pelas ordenações de gozo que lhe configuram a sua forma característica de laço social. Termino com uma citação de Lacan, um tanto antiga, da conferência de 1967, “Alocução sobre as psicoses da criança”:

“(...) no impulso do ‘teu corpo é teu’, no qual se vulgarizou no início do século um adágio do liberalismo, [encontra-se] a questão de saber se, em virtude da ignorância em que é mantido esse corpo, pelo sujeito da ciência, chegaremos a ter o direito de desmembrá-lo para a troca.”³⁰

29 Iwasso, *Cresce interesse por congelamento pós-morte*. *Folha Online*, 19 de dezembro de 2002, texto disponível na internet [Acesso em 15 set. 2008].

30 Lacan, *Alocução sobre as psicoses da criança* (1967/2003, p. 367).

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis (1970). Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: Zizek, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean (1999). *O Estado de São Paulo* (Caderno 2). Texto disponível na Internet, em: <<http://sheila.leirner.pagespro-orange.fr/Site%20Entrevistas/Jean%20Baudrillard%201999.htm>>. [Acesso em 18 out. 2010].
- BLOCK, Walter. Em defesa de um livre mercado para órgãos do corpo. Texto disponível na internet, no site *Instituto Ludwig von Mises: Liberdade – propriedade - Paz* <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=194>>. [Acesso em 18 out. 2010].
- FREUD, Sigmund (1920). *Além do princípio de prazer*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 2. ed., 1987, vol. XVIII.
- FREUD, Sigmund (1927). *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, 2. ed., 1987, vol. XXI.
- IANNI, Octavio (1979). Introdução. In: Ianni, Octavio (org.). *Marx*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1992.
- IWASSO, Simone. *Cresce interesse por congelamento pós-morte*. Folha Online, 19 de dezembro de 2002. Texto disponível na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2001.shtml> Acesso em 15 set. 2008].
- KONICHI, Ana Claudia e RINCO, Fernando. *Na Espanha, venda de órgãos pela internet pode aumentar com a crise*. Texto disponível na internet, no site *operamundi* <http://www.entrelinhasweb.com.br/clientes/opera/noticias_ver.php?idConteudo=405>. [Acesso em 18 out. 2010].
- LACAN, Jacques (1950). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques (1964) *O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques (1967). Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques (1969-1970). *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques (1969-1970). *O seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*.
- MARX, Karl (1867). *A mercadoria*. São Paulo, Ática, 2006.

- MARX, Karl (1867). *Das Kapital*. Berlim, Dietz Verlag, 1984, cap.1 (Marx Engels Werke [MEW]. vol.23).
- MOTA, Denise. Outdoor ambulante. *Carta Capital*, São Paulo, ano XVI, nº 612, 8 set. 2010, p. 10-11.
- PACHECO FILHO, Raul Albino (2009). A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, São Paulo, v.1, n.1, p. 143-163, jan./jun. 2009.
- SILVEIRA, Paulo (1989). Da alienação ao fetichismo: formas de subjetivação e de objetivação. In Silveira, Paulo e Doray, Bernard (orgs.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo, Vértice, 1989.
- WILLIAMS, Walter. Meus órgãos estão à venda. Texto disponível na internet, no site *OrdemLivre.org: Liberdade individual, paz e livre mercado* <<http://www.ordemlivre.org/node/127>>. [Acesso em 18 out. 2010].

Resumo

Divergindo da concepção pós-moderna de que a contemporaneidade seria o momento histórico de uma economia do corpo instaurada sobre as ruínas de sua economia simbólica, advoga-se neste artigo a concepção de que a economia do corpo da contemporaneidade é consequência da articulação entre a infraestrutura econômica e a economia simbólica do capitalismo, levada ao limite paroxístico de sua aceleração. Exploram-se as conexões entre: de um lado, a alienação estrutural e trans-histórica do sujeito e seu “encantamento” com os objetos; e, de outro, a alienação contingente e histórica do sujeito do capitalismo e o fetichismo da mercadoria. Com isto, busca-se traçar uma sequência que evolui do gozo perdido do corpo ao gozo do corpo real, apontando-se como eles fornecem a base para o surgimento do gozo produtor de mercadorias. Em seguida, assinala-se como este último, por sua vez, antecede e possibilita o gozo do corpo-mercadoria.

Palavras-chave

Palavras-chave: corpo, capitalismo, fetichismo, mercadoria, gozo.

Abstract

Diverging from the post-modern conception which holds that the contemporary times would be the historical moment of an economy of the body built upon the ruins of its symbolic economy, the present article advocates the conception that the economy of the body in contemporary times is a consequence of the articulation between the economic infra-structure and capitalism's symbolic economy, taken to the paroxysmal limit of its acceleration. The article explores the connections between: on one hand, the subject's structural and transhistorical alienation and his/her 'enchantment' towards objects; on the other hand, the capitalism's subject's contingent and historical alienation and the commodity fetishism. This way, the article aims to establish a sequence which evolves from the lost jouissance of the body to the jouissance of the real body, pointing out how they provide the basis for the emergence of the jouissance producer of commodities. Following, it highlights how the latter, therefore, anticipates and makes it possible the jouissance of body-commodity.

Keywords

Body; capitalism; fetishism; commodity; jouissance.

Recebido

26/11/2010

Aprovado

20/12/2010